

# Democracia em construção Biblioteca de Recursos

Maleta Pedagógica

f i t i n amrs.pt



## PROGRAMA DE PRÉ-ATIVIDADES

### I INTRODUÇÃO

#### Nota prévia

O Programa de Pré-Atividades da maleta pedagógica «Democracia em construção – Biblioteca de Recursos» visa a preparação das sessões e o apoio aos dinamizadores da mesma, de forma que estes possam explorar os conteúdos disponíveis, contribuindo para que se tornem promotores da aproximação ao tema, da utilização dos recursos pedagógicos e do debate entre os participantes.

Espera-se que, com o conhecimento prévio deste documento, se possa explorar melhor os materiais recomendados junto dos destinatários, servindo também de base para serem pensadas possíveis propostas alternativas de utilização dos mesmos.

#### Enquadramento

Esta maleta pedagógica é um compêndio de recursos, constituído por vários suportes, destinada a vários públicos e com possibilidade de exploração em diferentes contextos.

Enquadrada numa lógica de Serviço Educativo por parte das Bibliotecas Públicas da RIBRS (Rede Intermunicipal de Bibliotecas da Região de Setúbal), visa destacar aquilo que são os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos à luz do que foi a Revolução do 25 de Abril de 1974, cruzando diferentes leituras entre a importância desse acontecimento histórico para o povo português e aqueles que são os princípios e propósitos dos *Manifestos da IFLA para as Bibliotecas Públicas*, bem como a *Declaração dos Direitos Humanos* e a *Constituição da República Portuguesa*.

#### Destinatários

Comunidade escolar de todos os níveis de ensino e instituições, assim como participantes de outras instituições ou a título individual, que participem em ações pontuais que possam ser desenvolvidas envolvendo os recursos disponíveis.



## Objetivos

- Expor, analisar e refletir conceitos sobre a temática, com base em leituras quer de documentos textuais, quer iconográficos ou outros, promovendo o conhecimento, a aprendizagem e a tomada de consciência da importância das bibliotecas públicas enquanto bastiões dos valores da Liberdade e da igualdade de oportunidades;
- Promover a visibilidade, reflexão e debate sobre o tema, transpondo conceitos que lhe são inerentes para o plano da comunicação, das pedagogias e das expressões, em contexto de atividades lúdico-formativas;
- Fomentar nos participantes a cidadania, a reflexão crítica e a responsabilidade em relação aos valores inerentes à Revolução do 25 de Abril de 1974, bem como à Constituição da República Portuguesa;
- Estimular a reflexão e a produção de conteúdos pelos participantes, tais como trabalhos plásticos, literários ou outros, dando-lhes o devido enquadramento, suporte e visibilidade, quer como produto da ação, quer como testemunho.

## II MATERIAL LIVRO

### Títulos selecionados:

#### Infantil:

- **Uma biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente**, de *Mafalda Milhões*, editora O bichinho de conto, 2010
- **Greve**, de *Catarina Sobral*, editora Orfeu negro, 2019
- **Inácia, a galinha sindicalista**, de *Dora Santos Rosa e Felisbela Fonseca*, editora Tigre de papel, 2020

#### Jovem/Adulto:

- **Era proibido**, *António Costa Santos*, editora Guerra & Paz, 2019
- **Os vampiros**, de *Filipe Melo e Juan Cavia*, editora Companhia das letras, 2021
- **Esteiros**, de *Soeiro Pereira Gomes*, editora Bela e o monstro, 2021
- **Luanda: histórias**, de *José Luandino Vieira*, editora Oficinas Gráficas ABC, 1964



### III MEDIAÇÃO

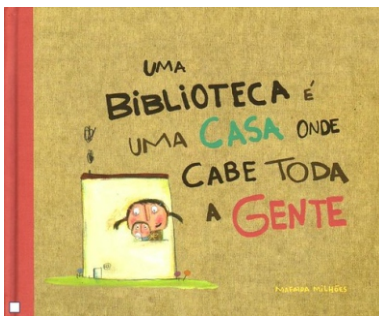
#### ***Uma biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente***

##### **Antecipação leitora:**

**As bibliotecas são as grandes casas dos livros e da leitura!**

- *Conhecem alguma biblioteca?*
- *Será que todas as pessoas as podem frequentar?*
- *Todos temos uma biblioteca perto de nós?*

##### **Elementos da capa:**



**Título:** Uma biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente

**Autora do texto e da ilustração:** Mafalda Milhões

**Editora:** Bichinho de Conto

**Ano:** 2010

**Temática:** Biblioteca(s), Leitura(s), Democracia

**Género Literário:** Conto infantil

**Sinopse:** Uma pequena história que nos mostra a importância da biblioteca na vida de todas as pessoas. Através de ilustrações

bastante coloridas, a autora enumera as personagens que cabem na biblioteca e mostra-nos que este é um espaço de todos para todos, sem exceção.

##### **Nota biográfica:**



**Mafalda Milhões** é ilustradora, mas também é editora, livreira, autora e mediadora de leitura.

Formou-se em Artes Gráficas em Tomar, é discípula de Gutenberg e uma das impulsionadoras do projeto editorial "O Bichinho de Conto", sediado em Óbidos.

A sua ilustração é expressão da sua personalidade e ideias: muito rica, conceptualista e ideográfica. Nela, introduz diversos materiais, tornando-os verdadeiros apelos aos sentidos.

É uma ilustradora de causas. A sua obra conta com várias distinções, em 2014 foi galardoada em Espanha com o *Gourmand Award* na categoria *Best Illustrated CookBook* com o livro *Marux* (OQO). As suas imagens são de quem mastiga

palavras e lê o mundo. Para ela ler também é ouvir, ser, estar e sentir.

##### **Proposta de mediação:**

- Explorar, de acordo com a faixa etária do seu grupo, o auxiliar pedagógico da história;
- Dar continuidade à história que ouviram ou descobrir outros finais para a história;
- Teatralizar a história ouvida;



- Propor ao grupo o reconto da história ouvida oralmente, por escrito ou através da ilustração;
- Pesquisar com o seu grupo, outras histórias sobre livros, bibliotecas e o ato de ler;
- Fazer com o seu grupo um pequeno exercício na área das dinâmicas de grupo abordando e refletindo sobre a mensagem transmitida pela história, ou seja, a importância da biblioteca como espaço aberto a todos. Registrar a opinião das crianças e construir uma pequena exposição sobre a temática com as opiniões e se possível algumas ilustrações das crianças.

### **Outros recursos:**

#### **Hora do Conto – Auxiliar pedagógico**

##### **I – O que ouvi e aprendi (escolho e marco com uma X apenas uma das respostas)**

As personagens deste conto são:

- Todas as pessoas e alguns personagens de histórias \_\_\_\_
- A rainha e o príncipe \_\_\_\_
- O leão e os ratos \_\_\_\_

Na minha opinião, todos cabem na biblioteca porque:

- São espaços grandes \_\_\_\_
- Há muitos documentos e atividades para todos \_\_\_\_
- Não é preciso tirar senha \_\_\_\_

##### **II – Penso sobre a história (e escrevo)**

- Na minha opinião, as bibliotecas são sítios...

##### **III – Pesquisa e descubro**

- A localização da biblioteca mais perto da minha casa.
- Para ter o cartão de leitor preciso...

##### **IV – Brinco e aprendo com a história**

- O que significa a expressão “ser um rato de biblioteca”?

##### **V – Pinto o desenho!**



##### **VI – Vitória, vitória... não acaba assim a história!**

- Escrevo ou desenho outras pessoas que também cabem na biblioteca.



## Greve

### Antecipação leitora:

A greve é um direito de todos os trabalhadores.

Já ouviste falar em greves, com certeza! Mas saberás o que é? Quem poderá fazer greve?

### Elementos da capa:



**Título:** Greve

**Autora do texto e da ilustração:** Catarina Sobral | Editora Orfeu Negro | Ano 2011

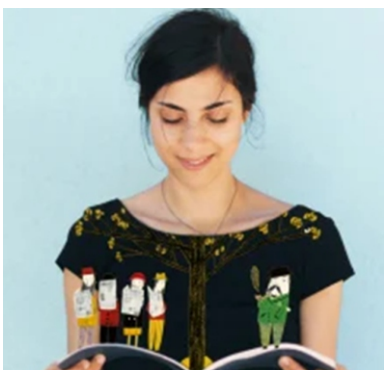
**Temática:** Direitos, Cidadania, Sindicalismo

**Género Literário:** Conto infantil

**Sinopse:** Um dia, os pontos decidiram decretar greve. Mas os pontos? Quais pontos?! TODOS os pontos! Primeiro, foram os usados na escrita... Nas escolas, nos museus, nas fábricas, nos

hospitais, ninguém se entendia sem pontos. Na arte, o ponto de fuga desapareceu, assim como o ponto verde e o ponto de encontro. Tudo e todos chegavam atrasados. E era impossível fazer o ponto da situação...

### Nota biográfica:



**Catarina Sobral** nasceu em Coimbra, em 1985. Licenciou-se em Design na Universidade de Aveiro e concluiu mais tarde um mestrado na área de ilustração na Escola Superior de Educação e Ciências de Lisboa, numa parceria com a Universidade de Évora e com a Quasi Edições. Desde então, tem trabalhado como ilustradora e como autora de conteúdos para a infância. Pelo meio, passa pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, em regime de Erasmus. Aos 26 anos publica o primeiro livro, "Greve". Publicou mais de 20 álbuns ilustrados, em mais de quinze línguas.

### Proposta de mediação:

- Ler ou contar a história ao grupo recorrendo à entoação de voz e a uma postural corporal e facial cuidada. Pode utilizar alguns recursos auxiliares tais como: adereços, guarda-roupa, maquilhagem, ou simplesmente mostrar as ilustrações do livro.
- Aceitar o desafio da autora e dar continuidade à história que ouviram imaginando como seria a greve das linhas.
- Teatralizar a história ouvida e porque não representá-la para familiares ou para a restante comunidade da instituição?
- Recontar a história ouvida oralmente, por escrito ou através da ilustração. Não esquecer que "quem conta um conto, pode acrescentar um ponto"
- Pesquisar outras histórias sobre a temática da **Liberdade e dos Direitos e Deveres dos cidadãos**.



**Nota:** Sugerimos, para uma multiplicidade de leituras, a exploração da «Canasta de Alcochete» enquanto objeto tridimensional, cruzando-a com o contexto histórico, social e político da **Greve dos Salineiros de Alcochete** (ver Documentário da RTP «A revolta dos salineiros» disponível em: - **Revolta dos Salineiros RTP Arquivos**, programa apresentado pela jornalista La Salette Marques, dedicado à revolta dos salineiros de Alcochete, com exibição da reportagem «Alcochete: Memórias do Mar da Palha», da autoria da jornalista Maria Júlia Fernandes, originalmente emitida no programa «O Lugar da História», em 1998.

### Outros recursos:

#### Hora do Conto – Auxiliar pedagógico

**I – O que ouvi e aprendi** (escolho e marco com uma X apenas uma das respostas).

A história fala-nos da greve:

- Dos pontos \_\_\_\_
- Dos quadrados \_\_\_\_

No final da história reconhecemos:

- A grande importância dos pontos \_\_\_\_
- A pouca importância dos pontos \_\_\_\_

**II – Penso sobre a história (e escrevo)**

- O que achei sobre a história...

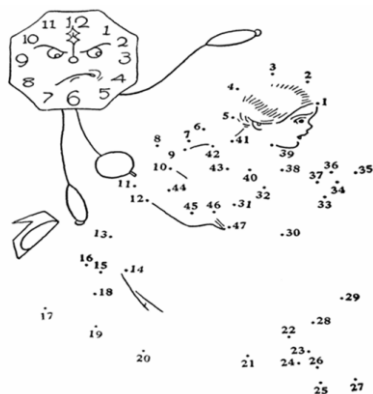
**III – Pesquisa e descobro**

Palavras diferentes que entram na história:

- Greve
- Sindicato
- Pontilhismo
- Outras histórias de Liberdade, Direitos e Deveres

**IV – Brinco e aprendo com a história**

Uno os pontos e descubro o desenho.



**V – Vitória, vitória... não acaba assim a história!**

Escrevo ou desenho outras pessoas que também cabem na biblioteca.



## **Inácia, a galinha sindicalista**

### **Antecipação leitora:**

A história que vão conhecer podia ser um manifesto revolucionário radical! A protagonista improvável, escolhida no reino dos animais, é ... uma galinha. Consciente dos seus direitos ela vai lutar por eles.

O que será que Inácia (pois esse é o seu nome) reivindica?

E estarão vocês de acordo?

### **Elementos da capa:**



**Título:** Inácia, a galinha sindicalista

**Autora do texto:** Dora Santos Rosa

**Autora da ilustração:** Felisbela Fonseca

**Editora Livraria Tigre de Papel:** Ano 2022

**Temática:** Direitos dos trabalhadores

**Género Literário:** Conto infantojuvenil

**Sinopse:** Esta história fala-nos de Inácia, uma galinha ímpar, cuja determinação e coragem são decisivas para a vida de todo o galinheiro. Luta pelos seus direitos e os de todas as companheiras, sem nunca perder a razão junto do patrão, e sem descurar as

suas obrigações: «Para cada direito há um dever e tal princípio é bom de entender».

**Distinções:** Livro nomeado entre os três melhores livros de literatura infantojuvenil nos **Prémios Autores 2021**, da Sociedade Portuguesa de Autores.

### **Nota biográfica:**



**Dora Santos Rosa** foi chocada no início dos anos setenta e nessa década aprendeu a ler e a escrever, duas coisas de que gosta bastante. Partilha com Inácia a convicção de que os ovos ficam mais saborosos quando postos por amor.

Licenciada em Ciências da Comunicação, tem feito o seu percurso profissional entre o exercício do jornalismo, maioritariamente como freelancer, e a assessoria de imprensa.

Publicou os livros *O Berço da Adoção – Histórias de Amor* (edição SCML, 2010), *Museu de São Roque – Relíquias da Arte e da História* (edição SCML, 2010) e, em 2013, *Renascer em Alcoitão* (edição SCML), trabalhos que integram a coleção *Cadernos Solidários*, de que é autora. Tem no prelo *História da Menina, do Gato e o Pássaro* e *Os Dias de Um Traço*, livros com que se estreia na literatura infantil.



**Felisbela Fonseca**, natural de Lisboa, licenciou-se em Antropologia no ISCTE-IUL, onde também concluiu o mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação e iniciou o programa de doutoramento em Sociologia. Complementou a formação com estudos em artes visuais, sobretudo desenho, ilustração e design gráfico, tendo frequentado a escola Ar.Co e a Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. É autora de diversos projetos de comunicação visual, museografia e educação artística desenvolvidos para monumentos, museus, centros de arte e associações culturais, e dedica-se também, e desde sempre, a projetos artísticos pessoais. "Inácia, a galinha sindicalista" é a sua estreia como ilustradora de livros.

### **Proposta de mediação:**

#### **Hora do Conto – Auxiliar pedagógico**

**I – O que ouvi e aprendi** (escolho e marco com uma X apenas uma das respostas)

As personagens deste conto são:

- Pedrês, a galinha bailarina \_\_\_\_
- Os três porquinhos \_\_\_\_
- Inácia, galinhas, galo e o patrão \_\_\_\_

Na minha opinião as galinhas devem por ovos:

- Só aos domingos \_\_\_\_
- Por amor \_\_\_\_
- Quando o patrão ordena \_\_\_\_

#### **II – Penso sobre a história... (escrevo a minha opinião)**

Na minha opinião os animais devem ser tratados com...

#### **III – Pesquisa e descubro:**

O que significa ser sindicalista?

Qual a diferença entre um galinheiro e um aviário?

#### **IV – Desafio**

Na Declaração dos Direitos Humanos, existe um artigo que nos fala dos Direitos dos trabalhadores, descobre qual é.

#### **V – Agora és tu o artista!**

As ilustrações da história combinam as cores vermelho, amarelo e preto com o grafismo geométrico, se fosses tu a ilustrar a história, como desenharias a galinha Inácia?

### **Outros recursos:**

- **Ouvir a música:** "O galo é o dono dos ovos", de Sérgio Godinho e fazer uma reflexão do conteúdo da história e da letra da música.
- **Jogo** «A favor ou contra», baseado no livro.



Lista de perguntas:

- A favor ou contra as galinhas terem sindicatos?
- A favor ou contra sermos trabalhadores?
- A favor ou contra sermos patrões?
- A favor ou contra as galinhas porem ovos só por amor?
- A favor ou contra os horários?
- A favor ou contra descansar no trabalho?
- A favor ou contra exigir melhores condições de trabalho?
- A favor ou contra estar informado sobre direitos laborais?
- A favor ou contra termos deveres?

**Nota: Anexo 1** – Cartões do jogo «A favor ou contra?» para impressão.

## **Era proibido**

### **Antecipação leitora:**

Já imaginou viver num país onde:

- *tem de possuir uma licença do Estado para usar um isqueiro?*
- *uma mulher, para viajar, precisa de autorização escrita do marido?*
- *as enfermeiras estão proibidas de casar?*
- *as saias das raparigas são medidas à entrada da escola, pois não se podem ver os joelhos?*
- *não pode ler o que lhe apetece, ouvir a música que quer, ou até dormir num banco de jardim?*

Já nos esquecemos, mas ainda há poucos anos tudo isto era proibido em Portugal. Tudo isto e muito mais. Vamos descobrir?

### **Elementos da capa:**



**Título:** Era proibido

**Autor do texto:** António Costa Santos

**Editora:** Guerra & Paz

**Ano:** 2019

**Temática:** Ditadura, Liberdade, Democracia

**Género Literário:** Livro informativo

**Sinopse:** A obra «Era Proibido» apresenta, de forma muito clara e quase didática, todas as proibições impostas aos portugueses durante a longa e dura ditadura Salazarista. Para quem não viveu essa época de horror no que tange os direitos e as liberdades do ser humano, os direitos tolhidos soam como curiosidades - algumas quase cómicas, não fossem tão trágicas, na realidade.

Este é um livro para quem deseja conhecer mais profundamente este período da história de Portugal, dos portugueses, e um pouco dos assombros aos quais a humanidade já foi submetida, por



governantes tiranos em pleno século XX. Num carácter quase anedótico, a obra informa aos jovens, ilustrando em detalhes um período sombrio da História de Portugal.

### Nota biográfica:



**António Costa Santos**, nasceu já em meados do século passado em Lisboa, na rua da antiga sede do Sporting. É, porém, do Benfica e frequenta a piscina do Belenenses. Pai de quatro lisboetas, tem também três sobrinhos naturais do Porto, facto a que é obviamente alheio, de quem gosta como se fossem alfacinhas, porque, segundo afirma, «as crianças não têm culpa». É jornalista há mais de 40 anos e passou por várias redações da capital, tendo tido apenas um contacto, fugaz e para esquecer, com uma delegação lisboeta de um jornal do Porto. Escreve desde os cinco anos, ultimamente guiões para TV e cinema e livros como este.

### Proposta de mediação:

A partir de um «saco de absurdos» onde foram colocados alguns dos materiais (objetos e reproduções de documentos) que remetem para proibições impostas durante o Estado Novo e que se inspiraram no livro «Era proibido», os participantes na atividade poderão jogar.

#### Lista de objetos:

##### 1) Bichos, de Miguel Torga

[Era proibido ler certos livros. Miguel Torga foi um forte crítico do Estado Novo e viu 13 dos seus livros fustigados pelo 'lápiz azul' da censura, foi preso na década de 30 e teve a sua vida pessoal escrutinada, não só pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), mas também pela Comissão de Censura. Desde violações da sua correspondência, registo das suas viagens e encontros com amigos, e até anotações dos seus rendimentos como médico, está tudo documentado, em detalhe, nos processos da PIDE, depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.]

##### 2) Lenço

[Era proibido uma mulher entrar numa Igreja de cabeça descoberta. A mulher devia cobrir os cabelos na Igreja. Segundo o apóstolo S. Paulo a mulher deve ser submissa à ordem estabelecida por Deus na criação, logo o uso de déu indica submissão à ordem estabelecida.]

##### 3) Bikini

[Era proibido usar bikini. O umbigo tinha de andar tapado, o decote tinha que ser modesto e o fato banho não podia ser cavado.]

##### 4) Minissaia

[Era proibido ir de minissaia para o liceu. As raparigas não podiam usar minissaia na escola, nem terem os braços à mostra nas salas de aula. Mas também não podiam usar calças! Nem usar roupas muito coloridas para não chamar à atenção dos rapazes. Nas escolas do regime e nas escolas particulares a saia era obrigatória, mas sem muita roda para não levantar com uma rabanada de vento. Em muitos liceus havia uma contínua à porta a zelar pelos bons costumes.]



#### **5) «Cantigas de maio», Zeca Afonso**

[Era proibido comprar, vender e ouvir certas canções. Durante a ditadura tudo o que se escrevia / via e ouvia era vigiado pela polícia do regime. A censura à imprensa e aos jornalistas era diária, mas os livros e os escritores também não escapavam ao exame e à perseguição da PIDE. Assim era também em relação às músicas, aos espetáculos, quer fossem de teatro, cinema e programas televisivos.]

#### **6) Licença para se andar de bicicleta**

[Era proibido andar de bicicleta sem licença. Para andar de bicicleta era obrigatória uma licença pedida na Câmara Municipal. E todas as bicicletas tinham obrigatoriamente de trazer a chapa de esmalte comprovativa do pagamento da taxa de circulação. Se assim não fosse os seus portadores arriscavam-se a ter de pagar cinco anos de licença. Até aos anos 60, a lei regulamentadora do ciclismo obrigava a que todos os ciclistas estivessem habilitados com carta de condução. No exame era pedido que o ciclista andasse em frente e, depois, fizesse um oito.]

#### **7) Isqueiro**

A proteção da indústria nacional, mas a de fósforos, foi a justificação para outra determinação despropositada da ditadura: por meio século, só se podia utilizar um isqueiro em via pública quem tivesse uma licença anual emitida pelas Finanças. Tal autorização era, também, intransferível, ou seja, o dono da licença não podia emprestar o isqueiro a um amigo, por exemplo. A utilização do isqueiro era permitida no interior das casas, usando a lei a expressão, «debaixo de telha», o que levou os jovens da época a andarem com um pedaço de telha no bolso das calças para cobrir o cigarro ao acendê-lo com um isqueiro na rua.]

#### **8) Lápis azul**

[Censura. A censura, prática comum a todas as ditaduras, sujeitou os que tinham a escrita como profissão. Fugir ao lápis azul passou a ser uma arte construída em subtilezas e truques. E uma forma de resistir sem liberdade de expressão.]

#### **9) Coca-cola**

[Era proibido beber coca-cola. Tal como na grande parte das áreas económicas durante a ditadura, os produtos nacionais eram beneficiados por várias leis — em Portugal, a grande bebida nacional era o vinho. Durante o Estado Novo havia poucos refrigerantes — e a Coca-Cola era mesmo proibida. A marca era vista como um dos maiores símbolos do estilo de vida americano — e por isso era proibida. Até porque fazia concorrência com as bebidas nacionais. Só foi legalizada em 1977.]

#### **10) Bilhete de avião**

[Era proibido uma mulher casada viajar para o estrangeiro. O Estado Novo esforçou-se por conservar a mulher no seu posto tradicional, como mãe, dona-de-casa e em quase tudo submissa ao marido.

A mulher estava relegada para um plano secundário na família e na sociedade em geral. A mulher praticamente não tinha direitos. Se se tratasse de uma mulher casada, os direitos eram exercidos pelo chefe de família.

Sair do país, em ditadura, significava ter contacto com outras realidades mais democráticas. Logo, era um perigo. A mulher casada não podia ter passaporte e estava sujeita à autorização do marido para sair do país, quer fosse para trabalhar ou por lazer. Só após a morte de Salazar esta proibição foi revogada.]



### 11) Baralho de cartas

[Era proibido jogar às cartas no comboio. O Estado Novo tentava controlar ao máximo a vida social do povo — e o jogo, em geral, era muito mal visto na altura.

Daí que fosse proibido jogar às cartas no comboio — os “jogos de azar” não eram vistos como uma coisa de bem. Em simultâneo, não era possível falar sobre política, estar embriagado ou abrir as janelas se os outros passageiros não quisessem. A lei negava, também, o direito de reunião. Os «ajuntamentos» de mais de três pessoas eram proibidos. Entre estas proibições está a de romagem ao cemitério ou as celebrações da Implantação da República.]

### 12) Beijar – Livro Era proibido

[Era proibido dar beijos em público. Considerado um atentado à moral, o beijo em público estava na lista das atividades proibidas antes do 25 de Abril — a maioria tão ridículas que hoje soam inverosímeis. No verão de 1973, na praia de Santa Cruz, um jovem de 16 anos foi detido pela Guarda Nacional Republicana 14 vezes num único mês. O crime? Beijar a namorada na boca em plena rua.]

### Outros recursos:

**Nota: Anexo 2** - PowerPoint com a informação contemplada no «Saco dos absurdos» e que pode ser utilizado com outros públicos, constituindo, assim, uma estratégia de mediação alternativa.

- Listas de livros censurados e proibidos pela Ditadura:  
<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/read-watch-listen/livros-censurados-e-proibidos-pelo-estado-novo/>  
[https://www.pnl2027.gov.pt/np4/file/3743/LVA\\_2024\\_Sugestoes.pdf](https://www.pnl2027.gov.pt/np4/file/3743/LVA_2024_Sugestoes.pdf)  
<https://ensina.rtp.pt/artigo/livros-e-escretores-censurados-pelo-estado-novo/>

### Sugestão de local a visitar:



Visita ao **Museu do Aljube Resistência e Liberdade** dedicado à história e à memória do combate à ditadura e ao reconhecimento da resistência em prol da liberdade e da democracia.

Rua de Augusto Rosa, 42 1100-059 Lisboa  
Telefone: +351 215 818 535  
E-mail: [info@museudoaljube.pt](mailto:info@museudoaljube.pt)



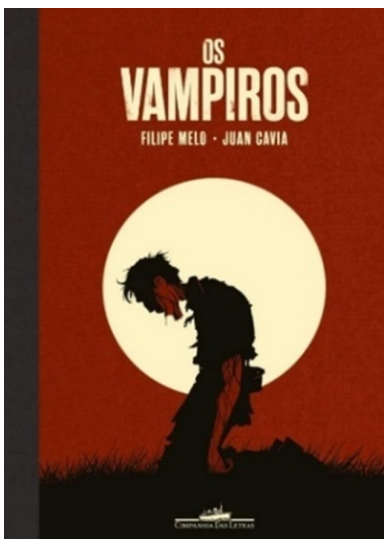
## **Os vampiros**

### **Antecipação leitora:**

«Às vezes os fantasmas são vampiros, outras são pessoas. [...] Uma história que é ficção, mas podia ter acontecido (e se calhar aconteceu).»

Lucinda Canelas, *Público*

### **Elementos da capa:**



**Título:** Os vampiros

**Autor do texto:** Filipe Melo

**Autor da ilustração:** Juan Cavia

**Editora:** Companhia das Letras

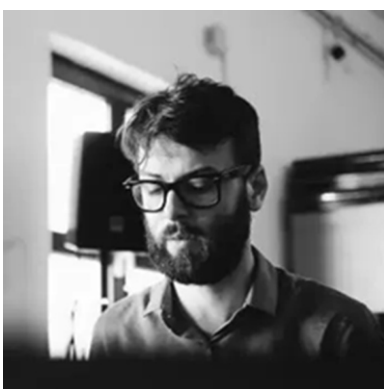
**Ano:** 2021

**Temática:** Guerra colonial

**Género Literário:** Novela Gráfica

**Sinopse:** A obra "Os vampiros" situa-se em 1972, na Guiné-Bissau, com um grupo de comandos portugueses, que avança no mato com a missão de localizar uma base secreta no Senegal. Pelo caminho, à medida que vão perdendo os alicerces da sua própria humanidade, estes soldados enfrentam uma ameaça muito pior do que poderiam imaginar.

### **Nota biográfica:**



**Filipe Melo** é músico, realizador de cinema e autor de banda desenhada. Desenvolveu desde cedo uma paixão pelo piano e pela improvisação. Estudou no *Hot Clube de Portugal* e, mais tarde, no *Berklee College of Music*, em Boston. Depois de muitos anos como pianista, tornou-se também compositor e orquestrador. Atualmente, ensina na Escola Superior de Música, em Lisboa. Na área do cinema, foi o criador de vários projetos de culto: *I'll See You in My Dreams*, curta-metragem vencedora do Fantasporto, *Um Mundo Catita* e *Sleepwalk*, curta vencedora do Prémio Sophia da Academia Portuguesa de Cinema. Nos EUA, escreve para a lendária antologia *Dark Horse Presents*, ao lado de nomes como Frank Miller e Mike Mignola. Em 2019, recebeu o troféu de honra do

festival Amadora BD. Colabora com Juan Cavia há mais de uma década, e a dupla tem já vários livros publicados, em Portugal e no estrangeiro.

### **Proposta de mediação:**

O autor do texto não se limita a uma história de episódios de guerra nesta novela gráfica: há fortíssimos elementos do fantástico e horror na estrutura desta obra, alguns relacionados com o tema, como o terror da guerra ou a violência de que os homens são capazes quando libertos das regras da civilização, mas também criaturas vampíricas, vislumbradas, mas raramente totalmente reveladas.



Temos algumas alusões à situação política e social da ditadura do Estado Novo, exploradas por Filipe Melo nos diálogos. Por exemplo, no descontentamento dos soldados: "Por causa do dinheiro. Olhem só quem manda no país. Não os veem aqui, pois não?»; Pág.42

Há uma sensação de mergulho progressivo na bestialidade há medida que se entra cada vez mais na selva. Nenhum dos personagens é herói, mas a proximidade que nos é colocada leva-nos a sentir empatia por eles.

### Outros recursos:

#### Outras obras que tratam o tema da guerra colonial:

- *Cartas da Guerra – D'Este Viver Aqui Neste Papel Descripto*, de António Lobo Antunes, Dom Quixote, 2001
- *A Costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge, Dom Quixote, 2002

#### Músicas:

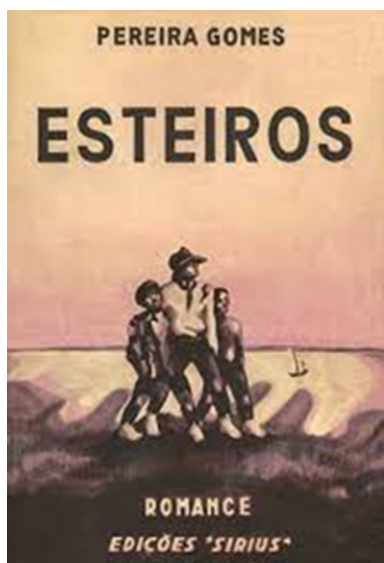
- *Carta de guerra*, de Bárbara Tinoco
- *Aquele Inverno*, de Miguel Ângelo da Costa Magalhães e Fernando Cunha

## Esteiros

### Antecipação leitora:

A história de cinco meninos que estão sujeitos à dureza do trabalho quando o conseguem arranjar, vadiando ou roubando para comer durante o resto do tempo e que, apesar de tudo, sonham, tece o enredo da obra-prima de Soeiro Pereira Gomes.

### Elementos da capa:



**Título:** Esteiros

**Autor do texto:** Soeiro Pereira Gomes

**Editora:** Bela e o Monstro

**Ano:** 2022

**Temática:** Ditadura, Opressão, Miséria, Condições de trabalho

**Género Literário:** Romance neorrealista

**Sinopse:** Este romance é um dos textos inaugurais do neorrealismo e é revelador da ligação do autor à luta pelos direitos da classe operária. Publicado em 1941, "Esteiros", tem personagens inspiradas na realidade: Gaitinhas, Guedelhas, Gineto, Maquineta e Sagui, são "os filhos dos homens que nunca foram meninos", dedicatória do autor a abrir o romance. A obra, uma das mais emblemáticas do movimento neorrealista português, é escrita numa linguagem acessível, mas cuidada, com frases simples, privilegiando o discurso direto para dar voz aos oprimidos.

**Nota:** A 1.ª edição tem capa e ilustrações de Álvaro Cunhal, o histórico fundador do PCP, o partido comunista português ao qual o escritor aderira em 1937.



### Nota biográfica:



**Joaquim Soeiro Pereira Gomes** (Baião, 1909 - Lisboa, 1949) estudou em Espinho e Coimbra (onde tirou o curso de regente agrícola) e trabalhou em Angola. Foi um escritor português neorrealista, militante comunista desde 1937 e resistente antifascista.

Fixou-se em Alhandra e, a partir de 1939, começa a escrever no semanário oposicionista **O Diabo**. Passou à clandestinidade em 1944, sendo eleito para o Comité Central em 1946. Além de **Esteiros**, na sua bibliografia, há ainda outro romance, **Engrenagem** (publicação póstuma em 1951), bem como recolhas de contos (Contos Vermelhos ou Refúgio Perdido e Outros Contos) e de crónicas. A sua correspondência com a mulher, Manuela Câncio dos Reis, está publicada no livro **Eles Vieram de Madrugada** (1981).

### Proposta de mediação:

Houve livros que só foram objeto da atenção dos censores após várias edições. *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes, só foi objeto de atenção dos censores após várias edições, tendo acabado mesmo por não ser proibido para não se lhe dar destaque. Com capa e desenhos de Álvaro Cunhal, a primeira edição foi autorizada em 1941, mas foi alvo de opinião contrária em 1966.

**Esteiros** apresenta-nos um protagonista coletivo, os "filhos dos homens que nunca foram meninos", na sua luta trágica contra a miséria e contra a opressão desumana de uma sociedade submetida à exploração capitalista. Aquelas crianças em idade de aprender as primeiras letras, recolhiam o barro dos estreitos canais do rio Tejo, os esteiros, para dele fazerem telhas e tijolos. Trabalhavam a troco de um salário miserável, que os condenava à mendicância, a uma vida sem saída da pobreza. O autor via tudo da janela da sua casa, em Alhandra, e refletia sobre a injustiça de uma sociedade opressora e exploradora, organizada em favor dos mais fortes. Em vez de calar, prefere denunciar com palavras e outros atos de resistência ao regime de Salazar.

Soeiro Pereira Gomes (1909-1949) conviveu, em Alhandra, com esta mão de obra infantil, a quem, para além de tudo o resto, faltava a esperança.

Embora Portugal não tivesse entrado diretamente na guerra, eram dias duros esses que se viviam Portugal, tal como os do pré e pós-guerra.

O discurso narrativo é estruturado pela passagem das estações, o que remete para a dependência da atividade económica relativamente à Natureza.

Este romance pertence à corrente do neorrealismo, imbuído de um desejo de profunda transformação social.

Não se tratava tanto de retratar o homem e o mundo, mas mais de intervir para que o homem oprimido se libertasse do mundo que o oprime. Depois, ou talvez sobretudo, há a componente política.



### Outros recursos:

#### Sugestões de obras marcantes do neorrealismo português:

- *Gaibéus*, de Alves Redol, Bis, 2009
- *Retalhos da Vida de um Médico*, de Fernando Namora, Caminho, 2016
- *Cerromaior*, de Manuel da Fonseca, Caminho, 1997

#### Documentário RTP Ensina

- "Esteiros", de Soeiro Pereira Gomes - RTP Ensina

### Sugestões de locais a visitar:



Visita ao **Museu do Neorrealismo** cuja função foi incorporar, preservar e dar a conhecer o trabalho dos artistas e escritores neorrealistas, preservando a memória do que foi o movimento neorrealista, um dos mais importantes da história e da arte portuguesas do século XX.

Rua Alves Redol N.º 45 2600-099 Vila Franca de Xira  
Telefone: +351 263 285 626  
E-mail: museuneorrealismo@cm-vfxira.pt



Visita ao **Museu do Trabalho Michel Giacometti**, espaço que nasce da transformação da antiga fábrica de conservas "Perie-nes", num museu dedicado às diversas atividades económicas da região de Setúbal.

Dedicado ao mundo do trabalho foi pensado para refletir os três setores da economia, com destaque para património industrial, os ofícios urbanos ligados ao comércio, os serviços e as antigas fábricas de conserva e litografias sediadas no concelho de Setúbal.

Largo Defensores da República Setúbal  
Telefone: +351 265 537 880  
Email: museu.trabalho@mun-setubal.pt

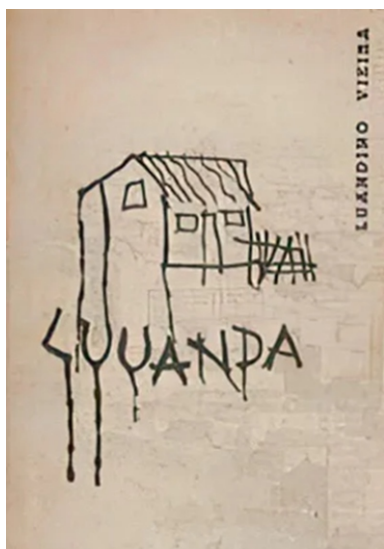


## Luuanda

### Antecipação leitora:

Três histórias que retratam o quotidiano nos musseques (construções precárias nos arredores da cidade de Luanda, onde habitavam os mais pobres), retratando a pobreza, o desemprego, a exploração e a injustiça.

### Elementos da capa:



**Título:** Luuanda: estórias

**Autor do texto:** José Luandino Vieira

**Editora:** Oficinas Gráficas ABC

**Ano:** 1964

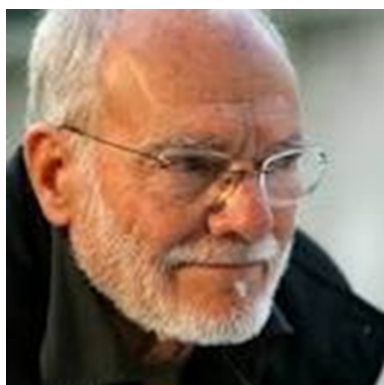
**Temática:** Este livro assume um papel primordial no desenvolvimento da literatura angolana de expressão portuguesa. Dá voz aos negros e marca o início de uma nova forma de escrita, onde o português do colonizador é misturado com o quimbundo, idioma de Angola. O uso original e subversivo da língua, com um forte influxo da oralidade e o recurso a vocábulos quimbundo, confere um realismo invulgar às suas personagens que se constituem como expressão viva das gentes e dos lugares que retrata.

**Género Literário:** Narrativo – Contos.

**Sinopse:** Três contos compõem este livro: Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos; Estória do ladrão e do papagaio; Estória da galinha

e do ovo. Todos eles são um retrato das diversas facetas da vida angolana da época, nestes denunciava a pobreza dos musseques, a forma como os habitantes eram vítimas de violência e injustiça na Angola colonial.

### Nota biográfica



**José Luandino Vieira**, pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça (Vila Nova de Ourém, 1935), foi para Angola com três anos.

Desde cedo integrou as fileiras do MPLA e participou na luta armada. Preso em 1961 e condenado a 14 anos de prisão, tendo passado mais de 8 anos desterrado no Tarrafal. Em 1972, passou a regime de residência vigiada em Lisboa. Após o 25 de Abril, tornou-se cidadão angolano e regressou a Angola. Foi nomeado para vários cargos, assumindo um papel importante no meio cultural angolano, em várias áreas, principalmente na literatura, enquanto fundador membro e como secretário-geral da União de Escritores Angolanos. Cessou a sua participação pública em 1992, regressando a Portugal e passando a dedicar-se apenas à atividade de escritor.



### Proposta de mediação:

**Luuanda** foi escrito na prisão do Tarrafal, em 1963, as folhas manuscritas às escondidas foram sendo passadas à sua companheira, Linda, que depois as datilografava.

Em 1965, o livro ganha o *Prémio de Novela da Sociedade Portuguesa de Escritores* com o Grande Prémio. Quando a Direção dos Serviços de Censura detetaram este deslize, de imediato a associação foi vandalizada e fechada, o júri preso. A referência a este prémio, sem um contexto crítico ao escritor, foi proibida e a Sociedade Portuguesa de Autores viria a ser extinta em maio de 1965. Em 2009, numa entrevista, o autor confidenciou que as notícias do prémio chegaram tardiamente ao Tarrafal, pois a informação foi adiada pelo diretor da prisão.

**Luuanda** assume uma rutura ideológica e com a gramática portuguesa, neste livro são apresentadas três histórias. Na primeira uma avó sem nada para cozinhar e um neto que não consegue trabalho, passam fome. Na segunda história vários homens cruzam-se na cadeia e na última história, duas vizinhas disputam o ovo de uma galinha. O escritor cria esta nova língua, onde estão representados os negros e os mestiços que vivem nestes bairros. Personagens que vivem à margem (velhos, aleijados, mulheres, malandros, etc.) estão aqui representados, como seres complexos, onde lhes é dada vida. Estes textos em plena ditadura falam dos chicotes dos senhores e patrões, da caça aos hipotéticos terroristas e do racismo presente. Os temas abordados nestas histórias falam da fome, do analfabetismo, da repressão, também é retratado o respeito pelos mais velhos, a necessidade de trabalho e a pobreza. Os contos são um espelho da Angola em plena ditadura, onde estas pessoas não tinham lugar.

Para além do local e das personagens, que nesta época, não eram retratadas, José Luandino Vieira surge com esta nova forma de escrever, que dava consistência e contexto às histórias, recuperando as comunidades e as pessoas comuns. Por todas estas razões este livro é essencial para a literatura angolana de expressão portuguesa.

### Outros recursos:

Sugestões de outras leituras:

- *Os capitães da areia*, de Jorge Amado
- *Os da minha rua*, de Ondjaki
- *A geração da utopia*, de Pepetela

Ver também:

- <https://ensina.rtp.pt/artigo/luuanda-biografia-de-um-livro-escrito-na-prisao/>
- <https://ensina.rtp.pt/artigo/como-a-pide-destruiu-a-sociedade-portuguesa-de-escritores/https://ensina.rtp.pt/artigo/campo-do-tarrafal-cabo-verde/>

Ouvir também:

- <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tarrafal/>



### Sugestões de locais a visitar:



Visita ao **Museu Nacional Resistência e Liberdade** de Peniche. Desde 27 de abril de 1974, data da libertação dos presos políticos, que a Fortaleza de Peniche se afirmou como símbolo da resistência e da luta pela liberdade. Por essa razão, decidiu-se preservar a integridade deste edificado histórico, militar e prisional através de um projeto de musealização.

Campo da República, 609 Peniche  
Telefone: +351 262 789 159  
E-mail: [geral.mnrl@museusemonumentos.pt](mailto:geral.mnrl@museusemonumentos.pt)

## IV – MATERIAL NÃO-LIVRO

### Seleção:

#### Artes plásticas

- «A poesia está na rua», de Vieira da Silva

#### Fotografia

- «Primeiras eleições livres em Setúbal», 25 de abril de 1975

#### Música

- «Grândola Vila Morena», de José Afonso

### Artes plásticas

#### Ficha de identificação:



**Título:** «A poesia está na rua»

**Autora:** Maria Helena Vieira da Silva

**Descritivo:** Vida e obra

**Maria Helena Vieira da Silva** nasceu a 13 de junho de 1908.

É considerada um dos maiores vultos da pintura portuguesa do séc. XX.

A sua pintura abstrata é, por vezes, explícita ou implicitamente pautada pela presença de elementos figurativos. São características da sua obra a forma como exprime o espaço e a profundidade onde as formas apresentadas, por vezes em perspetivas inesperadas, surgem bem vincadas por ritmos e movimento.

Maria Helena Vieira da Silva considera ser o abstracionismo lírico o estilo da sua obra. Na generalidade da sua pintura os elementos figurativos não são representados de forma objetiva e, no



abandono de referências da realidade reconhecível, expõe a visão do seu mundo interior e transmite-nos poeticamente como isso transforma uma realidade que constrói de acordo com a conceção e sentido emocional que a sua percepção do mundo lhe imprime.

### Uma leitura

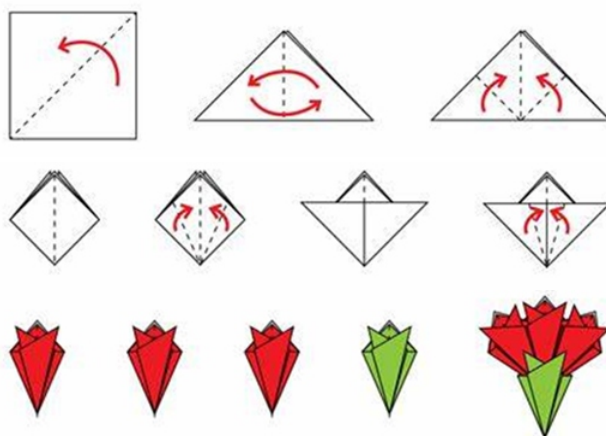
**“A poesia está na rua”** é um de dois cartazes editados pela Fundação Calouste Gulbenkian, produzido em 1975, para enaltecer e homenagear o 25 de Abril a pedido da sua amiga Sophia de Melo Breyner. São dois belos trabalhos que terá tido o maior gosto em fazer pois, devido à perseguição que lhe foi movida pelo fascismo, durante décadas permaneceu exilada e por muitos anos esteve privada da nacionalidade.

**“A poesia está na rua”** retrata a saída das pessoas para a rua e a observação participada até mesmo dos que ficaram em casa, pois estes estão à porta das suas casas, ou ainhados nas janelas, lançando cravos vermelhos (flor que ficará para sempre ligada ao 25 de Abril) aos que se manifestam na rua, saudando-os e assim associando-se todos na alegria pela Liberdade reconquistada.

No canto superior esquerdo, com caracteres que recuperam uma escrita epigráfica, **XXV de ABRIL de 1974**, o que pode pretender transmitir a visão da pintora que esta data é para ficar gravada na pedra, para que não passe, para que não se esqueça. As pessoas que participam no cortejo, representadas no centro do quadro e num movimento ondulante que se prolonga por toda a verticalidade da tela (por isso, e de acordo com os conceitos clássicos da configuração pictórica, são o elemento central do quadro a que a artista dá maior relevância ou destaque) estão tão próximas e abraçadas que nos transmitem a noção de como estão unidas e alegres, transportando e levantando alto cravos, um símbolo para sempre associado a esta data libertadora e à alegria de se ter saído de uma ditadura para a Liberdade.

### Para outras leituras, explorar:

- Possibilidades do abstrato também para projeção do mundo interior dos participantes.
- A cor dominante, o azul-claro: a luz, a clareza, o que será que pretende transmitir?
- A ideia de movimento, dada pela linha da manifestação e pelos movimentos das personagens que, no mundo real, as pessoas não podem manter indefinidamente, visa o quê?
- As pessoas têm cores de cabelo, tons de pele e posturas diferentes. Porque será?
- Sugerimos para o cruzamento de leituras e práxis criativa, a atividade plástica de construção de um cravo em origami segundo as seguintes instruções:





### Pistas para a exploração:



#### Sugestões para a observação do quadro:

a) Os participantes devem ser convidados a exprimirem oralmente considerações e interpretações a partir dos elementos básicos da linguagem visual que estão a observar:

- Que elementos se podem identificar no quadro?
- O que está a acontecer?
- Como é o sítio, as pessoas ou outras coisas representadas?
- Aquele lugar/situação existe ou existiu? É parecido com algum onde tenham estado?
- Já participaram num acontecimento parecido?
- O que é que as pessoas representadas estão a fazer? Quem serão?
- O título do quadro está relacionado com o que se observa? Dar-lhe-iam outro?
- Que sentimentos o quadro transmite?

b) Explicar o enquadramento histórico do quadro, a vida e obra da sua autora e, com base nisso e no que os participantes anteriormente possam ter exprimido, procurar ligar com a temática da Liberdade.

c) O material proposto pode também ser entendido como pretexto, ou como recurso, para promover a(s) pesquisa(s) e utilização dos recursos oferecidos pelas Bibliotecas Públicas da RIBRS, elas próprias, bastiões desse valor maior que é a Liberdade.

**Nota:** O material pode ser explorado segundo a metodologia que propomos ou outra que considerem mais adequada.

### Outros recursos:

#### Música:

Audição de «Pedra Filosofal», poema do poeta *António Gedeão*, publicado no livro **Movimento Perpétuo**, em 1956. Aproveitando a musicalidade do poema, *Manuel Freire* apresenta, em 1970, o poema musicado, que, pelas suas características rapidamente se tornou num hino e numa bandeira da resistência contra a ditadura.

### Sugestão de local a visitar:



Visita à **Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva**, criada para empreender o estudo e difundir o conhecimento da obra de Vieira da Silva que pode ser considerada a mais destacada artista plástica nascida em Portugal no século XX, assim como a do seu marido, Arpad Szenes. Baseando-se no objetivo de enquadrar histórica e esteticamente a produção dos dois artistas, a Fundação apresenta, regularmente, exposições temporárias de outros artistas, nacionais e internacionais, que com eles conviveram ou partilharam afinidades artísticas.



Praça das Amoreiras, 56, 1250-020 Lisboa  
Telefone: +351 213 880 044/53  
E-mail: fasvs@fasvs.pt

## Fotografia

### Ficha de identificação:



**Título:** Eleições depois do 25 de abril de 1974 – Assembleia de votos

**Data:** 25 de abril de 1975

**Referência:** PT/AFAMR/AMR-14978\_04

**Descritivo:** Reprodução digital feita a partir de negativo original

**Autoria e proveniência:** Coleção Américo Ribeiro - Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro DCDJ | DICUL - Câmara Municipal de Setúbal

**Nota: Anexo 3** - Foto das primeiras eleições livres\_Setúbal.

### Contexto:

As eleições para a Assembleia Constituinte foram as primeiras eleições livres com sufrágio universal realizadas no país. Foram também as primeiras eleições após a Revolução de 25 de abril de 1974. Realizaram-se no dia 25 de abril de 1975 e elegeram os 250 deputados da Assembleia Constituinte, e tiveram a maior participação de sempre.

O principal objetivo foi a eleição de uma Assembleia com o fim de escrever uma nova Constituição para substituir a da Ditadura — a Constituição de 1933.

Os resultados deram maioria aos partidos: Partido Socialista e Partido Popular Democrático. A Assembleia Constituinte entrou em funções em 2 de junho de 1975 e foi dissolvida em 2 de abril de 1976, data de conclusão dos trabalhos de elaboração da Constituição.

### Pistas para a exploração:

- Pesquisar na Biblioteca Municipal outras fotografias da Revolução de Abril e comparar com a fotografia das Primeiras eleições em Setúbal, disponibilizada nesta maleta;
- Na área das dinâmicas de grupo, estimular o debate a partir da fotografia observada. Sob o mote «As eleições ontem e hoje», abordar questões como:
  - Quem pode votar?
  - Sempre foi assim?
  - O que é a abstenção?
- Comentar, também, a taxa de abstenção ao longo dos tempos;
- Assistir ao vídeo «Voto – Arma de um Povo | As primeiras eleições livres em Portugal» disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jKI54DAo4Ho>



## Música

### Ficha de identificação:



**Título:** Grândola, Vila Morena

**Autor:** José Afonso

**Data:** maio, 1964

**Descritivo:** Portugal vivia sob um regime ditatorial intitulado Estado Novo. A polícia política detinha, torturava, assassinava. A Comissão de Censura proibia a circulação de obras. A Guerra Colonial, iniciada em 1961, acentuava sobremaneira a mortalidade. A população era pobre, pouco instruída, e vivia majoritariamente de atividades dos sectores primário e secundário. A taxa de analfabetismo era uma das mais elevadas da Europa.

É nesta conjuntura que surge um cantor que, influenciado pelo contexto, começa a atuar de 1959 em diante, em coletividades e meios populares, assinalando conscientemente uma posição de rejeição em relação ao conservadorismo formal adotando uma de um termo que corresponderia aos anseios motivados pela situação política e social de Portugal.

### Pistas para a exploração:

O poema Grândola, Vila Morena deve ser abordado de modo dialógico, isto é, por via do estabelecimento de um diálogo entre o texto propriamente dito e os contextos que, por um lado, motivaram a sua produção, e por outro, sequente, determinaram a sua fortuna, associada ao modo como o poema foi e continua a ser recebido.

Nesse sentido, sugerem-se dois planos de análise:

- contextual, subdividido em ambiência inerente à sua produção e condições que configuram a sua receção.
- textual, baseada na exploração formal, dos recursos estilísticos e retóricos do poema e na sua afinidade com uma determinada tradição literária.

**Nota: Anexo 4** – Grândola, vila morena: Guia de leitura e interpretação

### Sugestões para outras leituras:

- Pesquisar na Biblioteca Municipal outras músicas proibidas pela censura em Portugal;
- Assistir ao vídeo: «Grândola, a canção de José Afonso que serviu de sinal», disponível em <https://ensina.rtp.pt/artigo/grandola-a-cancao-de-jose-afonso-que-serviu-de-sinal/>
- Visitar em Grândola, o «Memorial ao 25 de Abril», que expõe a letra da música e, no centro, um cravo.



### Sugestão de local a visitar:



Visita ao **Núcleo Museológico Grândola Vila Morena**, O município de Grândola inaugura, dia 20 de abril, um novo núcleo museológico, interativo e imersivo, que conta a história do poema escrito por José Afonso que se transformou em canção e, 10 anos depois, na senha do 25 de Abril. Esta viagem inédita no tempo é uma iniciativa da Câmara Municipal de Grândola no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril.

Praça D. Jorge em, 7570-139 Grândola  
Telefone: +351 269 249 718  
Email: geral@cm-grandola.pt

## V – Apreciação

- **Anexo 5** – Ficha de apreciação Maleta pedagógica